

AVALIAÇÃO DA PRESSÃO ARTERIAL SISTÊMICA EM PACIENTES DE UM CENTRO COMUNITÁRIO: EFETIVIDADE DO MODELO DE TRATAMENTO PREVIDENCIÁRIO EM PACIENTES HIPERTENSOS.

Ciro P. Portinho, Rafael R. da Fontoura; Felipe Dal Pizzol; Felipe P. Faccini; Luciano S. Hammes; Alessandra L. Balbinot; Ricardo Schmitt; Maurício Schirmer; Guilherme P. Lopes; Gustavo B. Fischer; Eduardo Schuck; Cleovaldo T. S. Pinheiro (orientador). (Departamento de Medicina Interna, Faculdade de Medicina, UFRGS).

O presente estudo foi idealizado para quantificar e avaliar a população de hipertensos a partir de uma amostra de pacientes de um centro comunitário, bem como comparar os níveis de pressão arterial (PA) sistêmica entre os pacientes em tratamento para HAS e a PA dos sem tratamento. Os 100 pacientes avaliados foram submetidos a um questionário, e após 15 minutos de repouso sentados, tinham suas pressões arteriais aferidas. 14 eram homens e 86 mulheres; 87 brancos, 6 negros e 7 mulatos. Idade média: 69,1 anos (dp=5,0 anos) para os homens e 68,0 anos (dp=8,4 anos) para as mulheres ($p=0,65$). 98% tinham conhecimento de seus níveis tensionais e 59% confessavam-se hipertensos, estando dentro destes últimos 79,7% em tratamento. A pressão sistólica dos declarados hipertensos foi significativamente maior do que o do grupo não declarado hipertenso; a média daqueles foi de 158,3 mmHg (dp=22,5), e destes de 140,5 mmHg (dp=20,9), $p=0,0003$. A pressão diastólica também foi mais elevada nos confessadamente hipertensos: médias de 92,9 mmHg (dp=14,3) e 81,2 (dp=11,8), $p=0,0001$. No momento da avaliação da PA, 66% dos pacientes estavam hipertensos. O atendimento do paciente hipertenso, a nível previdenciário, tem sido ineficaz, já que o conhecimento da HAS não motivou a um maior número de consultas por parte dos hipertensos, da mesma forma em que os pacientes supostamente tratados não mostraram diferenças entre seus níveis pressóricos quando comparados aos não hipertensos.